

## A (des)umanização do Trabalho em operadores de petróleo

Alda Karoline Lima da Silva<sup>1</sup>, Livia de Oliveira Borges<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Aluna bolsista CNPq/PIBIC, <sup>2</sup>Professora Orientadora, Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

### Resumo

Estudos sobre significado do trabalho mostram que vários segmentos de trabalhadores atribuem o fator Esforço Corporal e a desumanização como desejável ao trabalho. Esta pesquisa examina se os operadores de petróleo valorizam esse fator no significado que atribuem ao trabalho. O instrumento de coleta de dados foram nove itens do IMST (Inventário de Motivação e Significado do Trabalho). Os resultados mostraram que, numa escala de 0 a 4, o percentual de respostas de 44,5 % dos operadores (N=110) estavam concentrados no escore 3. Tal resultado permite visualizar o quanto os operadores valorizam esse fator.

*Palavras-chave:* trabalho, desumanização, operadores de petróleo

---

### Abstract

Studies on the meaning of work show that various segments of workers attribute the Physical Effort and Dehumanization factor as desirable. This research examines if the petroleum workers value this factor in the meaning they attribute to work. The data collection instrument used was the nine items of IMST (Work Motivation and Meaning Inventory). The results show that, on a scale of 0 to 4, 44.5% of the answers obtained a score of 3. These results show the extent to which the workers value this factor.

*Keywords:* work, dehumanization, petroleum workers

## **Introdução**

A evolução do trabalho está relacionada ao contexto social, econômico e cultural. Por consequência, os pensamentos sobre o trabalho configuram-se as diferentes ideologias ou concepções, que também se renovam concomitante às transformações, tendências e desafios típicos de cada período histórico. Isto não implica que quando uma sociedade constrói nova concepção, as anteriores sejam eliminadas (BORGES; YAMAMOTO, 2004).

Alguns autores (ANTHONY, 1977; BÜLCHOLZ, 1977; BORGES; YAMAMOTO, 2004; HOPENHAYN, 2001; NEFFA, 1990; TONI, 2003) têm resgatado a história da origem das diferentes concepções do trabalho, descrevendo as mais elaboradas, como: (1) a concepção clássica grega, quando só era considerado trabalho as atividades manuais ou corporais as quais eram atribuídas ao escravo; (2) a do capitalismo tradicional, exaltando o trabalho em conformidade ao ideário da perspectiva liberal clássica da economia e do protestantismo, entre outras fontes de idéias (WEBER, 1989); (3) a do marxismo, criticando a desumanização do trabalho realizado nos moldes capitalistas; (4) a do gerencialismo, seguindo o ideário e os marcos da sociedade de bem-estar, vinculando os resultados do trabalho ao consumo, focalizando a estabilidade no trabalho e a concessão de benefícios sociais e, ao mesmo tempo, aprofundando a divisão parcelada do trabalho com a mecanização; e, por fim, (5) a da ética do lazer, que seria uma concepção emergente a partir da III Revolução Industrial, na qual o trabalho perde importância como categoria estruturante da sociedade, enquanto o lazer se eleva.

No atual processo de globalização, em que uma nova revolução tecnológica (III Revolução Industrial, segundo Mattoso, 1995) se desenvolve, a necessidade de mão-de-obra qualificada e adequada para lidar com equipamentos avançados tecnologicamente é cada vez mais indispensável para ocupar os postos de trabalho, fato que não implica necessariamente em menos esforços e mais tempo de ociosidade. Associado a tal fato tem sido alimentado um discurso que abrange a crença de que será possível um trabalho com menos esforços e mais tempo de lazer (AZNAR, 1995; GORZ, 1987).

Em contrapartida, têm se mostrado que ocorre um dismantelamento das relações de trabalho e se faz presente um processo de precarização do trabalho, em que, entre outros aspectos, o trabalhador se depara com a redução de seu poder de barganha e/ou de negociação coletiva, ver crescer os riscos e ameaça de perda do emprego e/ou da condição contratual deste, amplia-se o mercado informal de trabalho sem oferta de proteção ao trabalhador e ampliam-se os contratos temporários e terceirizados. Tal situação pressiona o trabalhador a aceitar um trabalho desgastante e que descaracteriza a condição humana (ANTUNES, 1995; HELOANI, 1996; MATTOSO, 1995; TONI, 2003).

A história do Brasil apresenta peculiaridades como o fenômeno da escravidão até final do século XIX, o crescimento econômico e processo de industrialização tardios, forte desigualdade de desenvolvimento e de renda, desemprego estrutural e amplo setor informal no mercado de trabalho. Tais características provavelmente contribuem para que se conceba o trabalho na atualidade incorporando valores e outras características típicas das concepções históricas dos países desenvolvidos (BORGES e YAMAMOTO, 2004; MATTOSO, 1995; TONI, 2003).

O significado atribuído pelos indivíduos ao trabalho é multifacetado, construído tanto socialmente, a partir das condições históricas da sociedade na qual ele se insere, quanto subjetivamente, por meio dos sentidos que cada indivíduo atribui ao mundo (BORGES; TAMAYO, 2001). Os significados individuais e grupais refletem por consequência as divergências e contradições do nível societal.

Estudos anteriores (BORGES; ALVES-FILHO, 2001; 2003; BORGES; TAMAYO; ALVES-FILHO, 2005; BORGES; TAMAYO, 2001) sobre significado do trabalho têm mostrado que, em vários segmentos de trabalhadores, se segue atribuindo Esforço Corporal e Desumanização como uma característica desejável ao trabalho (atributo valorativo). Tais atribuições refletem a persistência da influência de ideologias mais conservadoras que não consegue vislumbrar possibilidades de um trabalho que valorize o ser humano como tal.

Na Petrobrás, empresa na qual os sujeitos da atual pesquisa trabalham, é interessante levar em conta que tal empresa foi criada sob a influência do movimento nacionalista no Brasil quando os países desenvolvidos viviam o modelo da sociedade de bem-estar e alimentavam uma concepção gerencialista do trabalho. Segundo Barbosa, Borges, Cavalcanti e Portela (2007) os princípios de divisão e parcelamento do trabalho não foram levados às últimas consequências, em virtude da própria natureza das atividades, cuja complexidade exige mais do que operações de gestos automáticos repetitivos. Seu crescimento implicou a contratação de um quadro de trabalhadores qualificados. Por consequência, os petroleiros passaram a representar um dos segmentos com uma organização política de trabalhadores que mais avançou no país, possibilitando a adoção de mecanismos para garantir oportunidades de carreira, aumentos salariais, estabilidade no emprego e benefícios sociais aos seus empregados. Os petroleiros e seu sindicato serviam de referência para as demais ocupações.

A organização do trabalho e seu gerenciamento na Petrobrás também têm passado pelas transformações típicas da III Revolução Industrial. Valores como participação no processo decisório, autonomia, qualidade, zelo ambiental e responsabilidade social têm sido bastante

enfocados recentemente. A empresa é publicamente caracterizada como moderna e contando com tecnologia de ponta.

Segundo Barbosa e Borges (2007) as atribuições que competem ao operador de produção constam no Relatório de Descrição de Cargos da empresa, que dá uma idéia geral da diversidade das tarefas realizadas pelo operador. A rotina de trabalho e suas atividades são intensas e complexas: exigem múltipla responsabilidade com produtos, equipamentos e informações, muita sensibilidade, atenção, intuição e capacidade de tomar decisões acertadas, assim como também exige o uso de equipamentos de proteção individual contra os riscos (EPIs), a exemplo de cintos, luvas, capacetes, protetores auriculares, óculos de segurança e máscaras respiratórias.

Considerando essas atribuições, as atividades do operador de petróleo são complexas, contínuas, perigosas e realizadas sob condições ambientais adversas, potencialmente prejudiciais ao trabalhador. Observa-se também que o operador atua em um ambiente hostil, pois as estações em terra estão localizadas em áreas muito isoladas e distantes entre si, o que exige que ele se desloque por caminhos emaranhados, esburacados e dispersos no meio da caatinga. Durante a jornada de trabalho um operador é responsável, no mínimo, por três estações petrolíferas; fato este que demanda deslocamentos por estradas usando as viaturas da empresa, as quais o próprio operador se encarrega de guiar (BARBOSA, BORGES, NASCIMENTO, MELO e SILVA, 2006).

Por todas estas considerações, questiona-se aqui se o significado do trabalho atribuído por operadores de petróleo inclui o fator valorativo Esforço Corporal e Desumanização. Para buscar resposta a tal questão desenvolveu-se a presente pesquisa.

## **Método**

Tendo em vista a consecução do objetivo, elaborou-se a seguinte hipótese para melhor orientar o desenvolvimento da pesquisa e a análise dos resultados:

- Hipótese: A maioria dos operadores de petróleo valoriza o Esforço Corporal e Desumanização no trabalho.

Realizou-se, então, pesquisa de campo com operadores de petróleo da Petrobrás, nos Ativos de Produção de Alto do Rodrigues e de Mossoró.

### *População e Amostra*

De acordo com uma lista cedida pelo SINDIPETRO, atualmente existem 536 operadores trabalhando nesses Ativos (BARBOSA et al., 2006). O projeto foi desenvolvido com uma amostra acidental<sup>1</sup> de 110 operadores de petróleo, sendo que: 63,6% deles trabalhavam no Ativo de Produção de Mossoró; 35,5%, no Ativo de Produção de Alto Rodrigues e 0,9% (correspondendo a uma pessoa) deixaram a questão em branco. Quanto ao sexo, 94,4% dos participantes são homens e apenas 4,5% são mulheres e 0,9% (uma pessoa) não responderam à questão. Em relação ao estado civil, 61,1% são casados e os outros 38,9% estão nas categorias de solteiro, divorciado, viúvo e outros. Quanto ao nível de instrução: 45,5% já tinham concluído o ensino médio, seguido de 43,6% que já concluíram o ensino superior. Os participantes da amostra apresentam a idade média de 38,31anos (com desvio padrão de 10,41) e o tempo médio de trabalho na instituição de 14,34 anos (desvio padrão de 9,53).

### *Instrumento*

Utilizaram-se nove itens do IMST (Inventário de Motivação e Significado do Trabalho), aplicado conjuntamente a uma ficha sócio-demográfica. O IMST é composto por quatro escalas, sendo duas referentes ao significado do trabalho (atributos valorativo e descritivo) e duas referentes à motivação (expectativas e instrumentalidade). Mas, nesta pesquisa estudou-se apenas um fator – Esforço Corporal e Desumanização – dos atributos valorativos do significado do trabalho.

O inventário inicia-se por uma apresentação, seguida das instruções, nas quais se trata dos objetivos, do anonimato do participante, do compromisso da equipe com o sigilo das respostas individuais, do conteúdo do questionário, da forma de respondê-lo e de exemplos de questões extras com o mesmo estilo das que serão respondidas. O participante responde escrevendo pontos de 0 a 4 em linha tracejada que antecede a frase, apontando o quanto a frase descreve algo que o trabalho deve ser.

---

<sup>1</sup> Alertamos o leitor que o termo “acidental” aqui é utilizado para distinguir do termo aleatório. Quando se fala em amostra acidental está se falando numa amostra cuja inclusão dos indivíduos tem uma elevada casualidade, porém se conhece algum critério como acessibilidade do indivíduo ou desejo de colaborar com a pesquisa que pode comprometer a aleatoriedade (KISH, 1996; SARRIÀ, GUARDIÀ e FREIXA, 1999).

### *Procedimento de coleta e análise de dados*

A coleta de dados foi realizada diretamente nos locais de trabalho dos operadores, o que acarretou em viagens para cada Ativo de produção. A entrada dos pesquisadores nos campos de produção foi mediada via sindicato dos petroleiros.

Os questionários foram registrados em um banco de dados do SPSS (*Statistical Package for Social Science*). E a partir das rotinas de tal programa desenvolveram-se as análises estáticas descritivas dos dados. Para testar a hipótese foi considerado como indicador de valorização escores a partir de um nível moderado na escala de 0 a 4, ou seja, a partir de 2.

### **Análise dos Resultados**

As análises descritivas apontam que os escores do fator valorativo Esforço Corporal e Desumanização (escala de 0 a 4) apresentam média de 2,19, com o mínimo de 0,55 e o máximo de 3,59 (desvio padrão de 0,74). Tendo em vista apreender melhor a distribuição dos escores estabeleceram-se intervalos. Observou-se (Tabela 1), então, que 15,5% dos operadores encontram-se no intervalo de Escores inferiores, seguidos de 27,3% no de Escores Moderados Inferiores, 44,5% no de Escores Moderados Superiores e 14% no de Escores Superiores. O maior percentual de respostas (44,5 %) estava concentrado entre os escores 2 e 3 (Escore Moderados Superiores), o que implica em dizer que aproximadamente a metade desses operários consideram relevante o fator.

**Tabela1** – Distribuição de Escores no fator Esforço Corporal e Desumanização

Intervalos dos escores em FV4	Frequência	Percentual	Percentual Cumulativo
$0 < x \leq 1$ (Escore inferior)	17	15,5	15,5
$1 < x \leq 2$ (Escore Moderado Inferior)	30	27,3	42,7
$2 < x \leq 3$ (Escore Moderado Superior)	49	44,5	87,3
$3 < x \leq 4$ (Escore Superior)	14	12,7	100,0
Total	110	100,0	

Em termos de importância atribuída ao fator, infere-se que essa distribuição dos escores concentrados em um nível intermediário revela as próprias condições e tipicidades das atividades do operador de petróleo. Do contato direto com o próprio ambiente e das conversas

informais com alguns deles, foi possível observar as características do ambiente, as condições em que as atividades eram executadas e os equipamentos utilizados. Percebeu-se então que, apesar de lidarem com equipamentos avançados tecnologicamente, de necessitarem de uma alta atenção, de uma boa capacidade cognitiva e de pensamento rápido e preciso (esforço mental), ainda é preciso esforço físico para execução de suas atividades como: deslocarem-se em automóveis em horários de calor intenso, manusear ferramentas (rodanas) e subir em equipamentos.

Os resultados corroboram com a hipótese da pesquisa, pois permitem visualizar quanto os operadores valorizam esse fator. Deve-se observar que se somados as proporções dos participantes nas duas faixas de escores mais elevados, eles representam a maioria. Tal resultado indica uma visão de que ele ainda se encontra presente no significado que os operadores atribuem ao trabalho, apontando que as mudanças no mundo do trabalho em curso não eliminaram tal atribuição de significado, como prever o discurso do senso comum, que engloba a crença de que o esforço corporal é cada vez menos importante, devido aos avanços tecnológicos. No caso dos operadores, essa característica prescritiva (definição do que deve ser) ao trabalho provavelmente deve está atrelada à própria especificidade da tarefa, que certamente os conduzem a naturalizar as condições desfavorável e sedimentar idéias conservadoras em relação ao trabalho.

Estes resultados corroboram a noção da coexistência da influência de outras concepções de trabalho, como tratado na introdução deste artigo. A análise do fator permitiu inferir que a importância atribuída a ele é reflexo da valorização e/ou naturalização, até certo ponto, de uma visão de trabalho como alienante, explorador, humilhante, repetitivo e embrutecedor. Tal naturalização provavelmente é a contrapartida cognitiva e subjetiva à consciência de que, vivendo uma conjuntura em que tem se ampliado o trabalho precário, o operador percebe o seu trabalho também como um meio de estabelecer um vínculo estreito com o consumo, à medida que lhe garante salário, assistência e outros benefícios e que inclui a garantia de estabilidade no emprego.

## Referências

ANTHONY, P. D. **The ideology of work**. London: Tavistock Publications. 1977.

ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as Metamorfoses a Centralidade do Mundo do Trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. da Universidade de Campinas, 1995.

AZNAR, G. **Trabalhar menos para trabalharem todos**. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1995.

BARBOSA, S. C.; BORGES, L. O.; CAVALCANTI, E. A. F.; PORTELA, S. A. Petrobrás: O contexto socioeconômico e o modelo gerencial. In L. O. BORGES e S. C. BARBOSA (Orgs.). **Aspectos psicossociais do trabalho dos petroleiros: dois estudos empíricos no Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 2007, p. 59-86.

BARBOSA, S. C.; BORGES, L. O. Centralidade do trabalho, sua sustentabilidade e estrutura de vida dos petroleiros. In L. O. BORGES & S. C. BARBOSA (Org.). **Aspectos psicossociais do trabalho dos petroleiros: dois estudos empíricos no Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 2007, p. 111-158.

BARBOSA, S. C.; BORGES, L. O.; NASCIMENTO, I. S.; MELO, A. A. F.; SILVA, A. K. L. O trabalho dos operadores de petróleo norte-riograndense. **Psicologia: organizações e Trabalho**, v. 6, n. 2, p. 111-138, 2006.

BORGES, L. O.; YAMAMOTO, O. O mundo do trabalho. In ZANELLI, J. C., BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. **Psicologia Organizacional e do Trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 24-62.

BORGES, L. O.; TAMAYO, A. A estrutura cognitiva do significado do trabalho. **Revista Psicologia: organizações e trabalho**, v. 1, n. 2, p.11-44, 2001.

BORGES, L. O.; ALVES-FILHO, A. A mensuração da motivação e do significado do trabalho. **Estudos de Psicologia**, v. 6, n. 2, p.177-194, 2001.

\_\_\_\_\_. A estrutura fatorial do Inventário do Significado e Motivação do Trabalho, IMST. **Revista Avaliação Psicológica**, v. 2, n. 2, p. 123-145, 2003.

BORGES, L. O.; TAMAYO, A.; ALVES-FILHO, A. O significado do trabalho entre os profissionais de saúde. In Borges, L. O. (Org.), **Os profissionais de saúde e o seu trabalho**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2005. p.143-197

BÜLCHOLZ, R. A. The belief structure of managers relative to work concepts measured by a factor model. **Personnel Psychology**, v. 30, n. 4, 567-587. 1977.

Gorz, A. **Adeus ao proletariado: para além do socialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.



HELOANI, R. **Organização do Trabalho e Administração: uma visão multidisciplinar**. São Paulo: Ed. Cortez, 1996.

HOPENHAYN, M. **Repensar el trabajo**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma. 2001.

KISH, L. **Diseño estadístico para la investigación**. Madri: Siglo Veintiuno de España Editores, 1996.

MATTOSO, J. **A desordem no trabalho**. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1995.

NEFFA, J. C. **El Proceso de Trabajo y la Economía de Tiempo: Contribución al análisis crítico de K. Marx, F. W. Taylor y H. Ford**. Buenos Aires: Editorial Hvmantitas. 1990.

SARRIÁ, A.; GUARDIÀ, J.; FREIXA, M. **Introducción a la estadística em Psicologia**. Barcelona: Ediciones de la Universitat de Barcelona, 1999.

TONI, M. Visões sobre o trabalho em transformação. **Sociologias**, v. 5, n. 9, p. 244-86, 2003.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1989.

Alda Karoline Lima da Silva

**Endereço eletrônico:** [aldakarolinel@yahoo.com.br](mailto:aldakarolinel@yahoo.com.br)

**Base de pesquisa:** Grupo de Estudo Saúde Mental e Trabalho(GEST)

**Endereço postal:** Departamento de Psicologia, Centro de Ciência Humanas Letras e Artes, 59078-970, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus Universitário, Natal/RN – Brasil.